

Sair do euro? Estes economistas não encontram outra alternativa

SEIS
PERGUNTAS
SOBRE
A SAÍDA
DO EURO

01.
PORQUE
DEFENDE
A SAÍDA
DO EURO?

Defensores da saída do euro invocam o caso da Islândia. E dizem que a recuperação será mais rápida

MARGARIDA BON DE SOUSA
margarida.bondesousa@ionline.pt

Há cada vez mais vozes a defenderem a saída de Portugal do euro. A receita troika aplicada pelo executivo mergulhou o país numa espiral recessiva onde não há fim à vista, pese o optimismo invocado em sucessivas projecções económicas que nunca vêem a luz do dia. Mais. As últimas projecções da Comissão Europeia apontam para uma contracção da economia na zona euro de 0,3% e um modesto crescimento de 0,1% em toda a União, um cenário que reforça o pessimismo.

Da esquerda à direita, está pelo menos aberta a obrigatoriedade do debate. Octávio Teixeira, João Ferreira do Amaral, João Rodrigues e Jorge Bateira são as vozes de esquerda a assumirem abertamente a saída, em prole do controlo da moeda. Octávio Teixeira pre-

coniza mesmo um regresso anterior ao euro, quando o ecu permitia a cada estado uma banda de desvalorização da sua moeda relativamente ao euro, como aliás hoje acontece nos países da União Europeia que não pertencem à zona euro.

À direita, é mais difícil encontrar quem defenda abertamente a posição. Pedro Arroja é uma excepção, tendo assumido há muitos anos que a moeda única não serve ao país. O ex-assessor do governo liderado por Durão Barroso, Bráz Teixeira, partilha do mesmo princípio e considera o fim do euro uma evidência. Entre os defensores do fim do euro, todos concordam que Portugal vai sofrer menos e recuperar mais depressa do que se continuar a seguir a política imposta pela troika. Last, but not least, o crescimento das exportações através da desvalorização da moeda vai permitir um rápido aquecimento da economia e mais emprego.

João Duque e Silva Peneda, também contactados pelo *i*, acreditam menos na bondade destes argumentos, embora reconhecendo que a situação actual é muito complexa e de desfecho imprevisível. Silva Peneda defende que se não forem feitas as reformas na Europa, não será apenas Portugal a sair do euro, mas também outros países. "Uma moeda única num espaço onde há diferentes níveis de competitividade deve ir no sentido de reforçar a competitividade dos mais fracos e não o contrário", defende, lembrando que o princípio da solidariedade que esteve na origem da União Europeia está em vias de extinção. "Estamos perante uma crise que é federal, mas onde não existem nem instrumentos nem soluções federais", conclui.

Com uma moeda menos forte, haveria aumento das exportações e maior crescimento económico

Os bancos seriam um dos maiores problemas por causa do excessivo endividamento externo



Octávio Teixeira

QUADRO DO BANCO DE PORTUGAL E
EX-DEPUTADO DO PCP



João Ferreira do Amaral

ECONOMISTA, CATEDRÁTICO EMÉRITO DO ISEG

- 01 Desde logo porque não vejo outra solução para o país poder inverter esta caminhada acelerada para um abismo cada vez mais fundo.
- 02 Poderia haver desvalorização da moeda, com ganhos de competitividade em termos de comércio externo. E haveria aumento do crescimento económico e, por via de mais exportações e de menos importações pela via da substituição, mais receita fiscais e mais emprego. Uma taxa cambial adequada, poderia fomentar a reindustrialização do país.
- 03 Se for uma saída negociada com a zona euro e o BCE, não há razões para o caos. Mas numa fase inicial deverá haver controlo dos movimentos de capital de curto prazo para evitar especulação e eventuais fugas.
- 04 O país enriqueceria num prazo muito curto. A Islândia desvalorizou 50% e já recuperou substancialmente.
- 05 As poupanças só seriam afectadas por via da desvalorização cambial e o aumento da inflação. Mas também haveria uma compensação meramente parcial, que tem a ver com uma melhor remuneração dos depósitos
- 06 É a única forma que Portugal tem de recuperar da crise.
- 01 Porque não há saída para Portugal dentro do euro. O país deixou de ter condições para crescer. Não vejo outra solução para se poder inverter esta caminhada acelerada para um abismo cada vez mais fundo.
- 02 Voltar a ter condições para crescer e para combater o desemprego e garantir a sustentabilidade de Portugal enquanto país. O facto de termos uma moeda que não é nossa e é muito forte para a capacidade da nossa economia bloqueia o nosso crescimento.
- 03 O que provoca o caos imediato é o caminho que está a ser seguido. A saída é precisamente para evitar o caos total.
- 04 O país não iria empobrecer. Iria enriquecer por crescer mais através do aumento das exportações e da diminuição das importações.
- 05 As poupanças não seriam afectadas. Haveria a garantia dos depósitos. E as remunerações dos depósitos normalmente adaptam-se à inflação. A saída devia ser anunciada e apoiada pelas instituições comunitárias. E isso implicaria haver um compromisso de apoio durante um período transitório negociado entre as autoridades portuguesas e comunitárias. E haver garantia das aplicações em euros feitas até ao início do período transitório.
- 06 É evidente que dentro do euro Portugal não vai recuperar nunca da crise.

02. O QUE É QUE PORTUGAL TEM A GANHAR COM UMA POSSÍVEL SAÍDA?



João Rodrigues

ECONOMISTA E INVESTIGADOR DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (CES)

- 01 Num contexto de crise, desemprego e ausência de instrumentos de política económica pode ser uma forma de recuperar a soberania democrática e esses instrumentos de política económica. A alternativa, uma saída por cima com uma integração federal, parece vedada.
- 02 Esses instrumentos permitem um combate mais eficaz à crise do que a alternativa que temos de um empobrecimento que leva a um aumento brutal das desigualdade sociais.
- 03 Vai depender das respostas que forem dadas pelos diferentes actores políticos a nível nacional e europeu. Pode ser uma saída mais ou menos cooperativa.
- 04 É claro que estamos a empobrecer no euro e a acumular uma dívida cada vez maior.
- 05 As poupanças, tal como os salários e as dívidas teriam de ser transferidos para a nova moeda. Depende da relação entre a evolução dos salários e a taxa de inflação.
- 06 A experiência dos países que romperam com sistemas cambiais rígidos como a Argentina, e os países que puderam usar os instrumentos de política associados a moeda própria, como a Islândia, mostram que sim.

03. A SAÍDA NÃO CAUSARIA UM CAOS IMEDIATO NO PAÍS?



Pedro Brás Teixeira

DIRECTOR EXECUTIVO DO NOVA FINANCE CENTER, DA NOVA SCHOOL OF BUSINESS

- 01 Eu não defendo, eu prevejo. Não recomendo que Portugal saia do euro, acho é que as coisas estão a evoluir de tal maneira que Portugal vai sair.
- 02 O euro não tem condições de sobrevivência e por isso é que vamos sair. O regime é insustentável. Aquilo que poderia permitir que o euro sobrevivesse seria a criação de um orçamento federal. Mas os países não estão dispostos a aceitar.
- 03 Depende da forma como o euro acabe. Há duas maneiras: ou os parceiros europeus tomam consciência que não há condições políticas para a sua sustentabilidade e negociem o seu fim, ou a moeda vai acabar de forma caótica, através de um tsunami financeiro.
- 04 Portugal já está mais pobre.
- 05 As poupanças podem ser afectadas porque a nova moeda se vai desvalorizar face ao euro. E porque é possível, como em Chipre, que nem todos os depósitos fiquem garantidos.
- 06 Permitiria uma certa forma de recuperação. Passaríamos a ter uma taxa de câmbio para recuperar competitividade e instrumentos adicionais para corrigir a economia. Numa primeira fase, a inflação também vai ajudar as contas públicas.

04. IAMOS EMPOBRECER?



Jorge Bateira

ECONOMISTA

- 01 O projecto político da Alemanha não é o que imaginávamos quando construímos a União Económica e Monetária. A Alemanha não quer assumir os encargos com o resto da UE, só quer os benefícios da moeda única.
- 02 Provavelmente a zona euro vai acabar sem uma decisão expressa. Um dia o BCE não vai conseguir convencer os mercados. Nós temos todo o interesse em sair porque não temos manobra na política económica para desenvolver o país.
- 03 Não é forçoso que o caos tenha de acontecer. Só um governo extremamente desastrado e impreparado, como é o caso deste, levaria a isso. Seria perigoso que o euro acabasse com este governo. É preciso uma liderança forte para que não houvesse nenhuma turbulência.
- 04 A empobrecer já estamos. Saindo, haverá uma inflação inicial, controlável e no primeiro ano.
- 05 As poupanças dependem da inflação. Quando a inflação começar a descer, pode haver um decréscimo do poder de compra, mas o valor nominal mantém-se.
- 06 Recuperamos muito mais depressa. A situação da Argentina foi uma calamidade e um semestre depois da bancarrota já estava a crescer. E foram nove anos seguidos de crescimento.

05. AS POUPANÇAS SERIAM AFECTADAS?

06. O PAÍS RECUPERARIA MAIS DEPRESSA DA CRISE FORA DO EURO?



Nuno Teles

DOUTORADO EM ECONOMIA, INVESTIGADOR DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DE COIMBRA

- 01 Há razões para a saída. A primeira prende-se com o peso que a dívida tem hoje em Portugal e a necessidade de a renegociar profundamente, o que não vai ser aceite pelos nossos credores.
- 02 A vantagem seria a independência monetária, que permite contornar os constrangimentos do financiamento do Estado. Pôr fim à austeridade e relançar a economia, através do financiamento do Banco Central ao Estado, como acontece nos Estados Unidos e Japão. A desvalorização da moeda permitirá um reequilíbrio relativamente ao exterior.
- 03 A saída coloca uma série de problemas. A inflação, que afecta os salários. Mas Portugal já teve essa experiência sem que tivesse afectado muito o nível de vida dos trabalhadores. E tem de haver controlo de capitais. Outro problema é que a banca está muito endividada no exterior, o que implicaria a sua falência técnica, e eventualmente, a nacionalização.
- 04 No curto prazo é provável. É uma opção custosa que deve ser comparada com o actual rumo político.
- 05 As poupanças seriam renomeadas na nova moeda. E os créditos também. O que passa a contar é a taxa de inflação, que funciona negativamente nos depósitos e positivamente na dívida, promovendo o consumo e o investimento.
- 06 Fora do euro. No caso argentino, seis meses depois do default, a economia já estava a recuperar.